

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1192	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	10 de Fevereiro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

CRONICA OCCIDENTAL

Uma *Gazeta de Holanda* que não se sabe será aquella que, em suas columnas troçava do

amaricado e infeliz principe Cornelio Gil da *Grã Duquesa* de alegre memoria, deulhe agora para entreter o espirito dos seus leitores holandêses com noticias de sensação a respeito dos dominios coloniaes de Portugal e particularmente da colonia de Timôr, escrevendo o seguinte:

«Existirá em Berlim, quem tenha interesse, na difusão de semelhantes noticias? Assim o crê o nosso colega (o *Nieuwe Courant*). Pelo que nos diz respeito, registaremos a enorme quantidade de noticias sensacionais relativas a Portugal, que sempre nos chegam por Berlim. Dir-se-hia que certos membros da colonia portuguesa nas margens do Sprée entreteem os seus ocios dando-se o prazer de inquietar as chancelarias.

A cessão de Timôr á Alemanha naufragaria numa quasi impossibilidade de realisação. Os Países Baixos possuem, de facto, metade dessa ilha, e nem sempre teem tido occasião de se felicitar pela visinhança dos portugueses. Os incidentes de Lakmaras que o digam. Não obstante, ha acordos, por varias vezes renovados, entre os dois occupantes da ilha. O artigo 13.º do tratado de 1904

estipula expressamente o direito de reciproca preempção. Assim, os portugueses não poderiam ceder o seu territorio a outra nação, a menos que os Países Baixos se recusassem a adquiril-o por uma quantia equivalente.

Sobre isto ha, porém, o facto do ministro dos

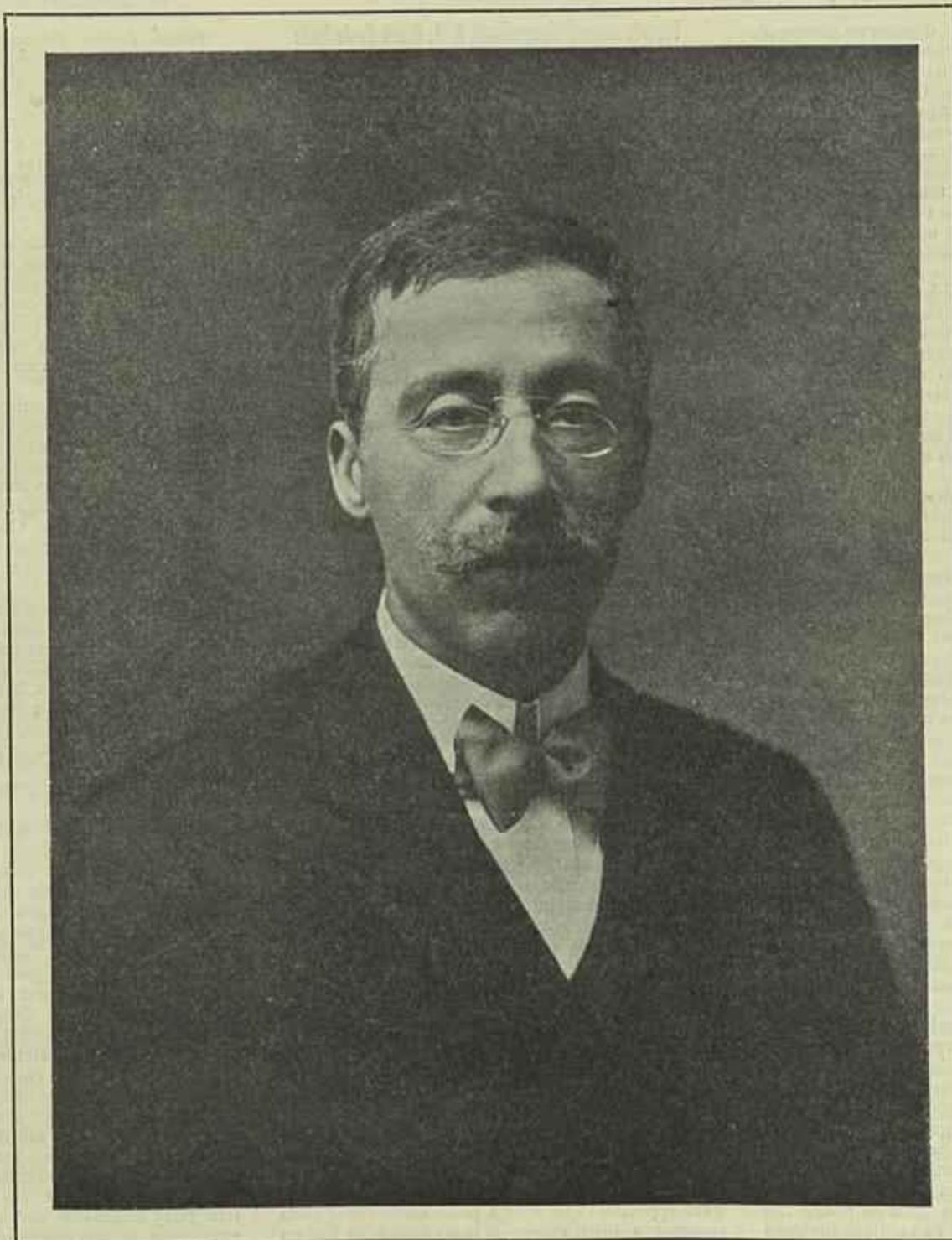
estrangeiros de Portugal ter desmentido formalmente que quaesquer negociações fossem entabuladas sob o ponto de vista da venda de qualquer colonia nacional.»

A mesma gazeta acrescenta, ainda, ser o sr. conde de Penha Garcia que anda tratando de negociações naquêle sentido.

Ora a cronica, o que lhe consta acerca do caso é que o antigo ministro da monarchia, em viagem no estrangeiro ha bastante tempo, tem lá feito varias conferencias sobre as colonias portuguesas, como as que realiso no *Hamburgischem Kolonialinstitut*, de Hamburgo, em 23 de janeiro, e no *Deutschen Kolonial-Gesellschaft*, de Berlim, em 26, conferencia esta de que recebemos um exemplar impresso na bela lingua de Goethe.

Para varrer a sua testada, veio á imprensa o sr. conde de Penha Garcia e, no *Temps*, declarou que, não só não tem relações algumas com o actual governo portugues, como defendeu sempre a integridade dos dominios coloniaes de Portugal. Precisamente com esse proposito iniciou uma *tournee* de conferencias nos centros coloniaes mais importantes da Europa, realisando já duas em Hamburgo e Berlim, uma em Bruxellas, devendo efetuar outra em Paris, na Escola das Ciencias Morais e Politicas.

Na conferencia realisada em Berlim, começou o sr. conde de Penha Garcia, por declarar que os seus sentimentos pa-



TENENTE CORONEL D'ENGENHARIA, A. A. FREIRE DE ANDRADE

DIRECTOR GERAL DAS COLONIAS E DELEGADO DO GOVERNO NA CONVENÇÃO DE BRUXELAS

trioticos o levavam a fazer aquelas conferencias sobre o trabalho dos portuguezes nas suas colonias; e a gratidão pela gentileza com que o haviam recebido os delegados alemães, no Congresso Colonial de Brusnick, o obrigava a iniciar essas conferencias ali, demonstrando assim o seu reconhecimento e o seu grande amor patrio em provar quanto tem sido util o trabalho colonial dos portuguezes, que bem merece ser reconhecido pelo mundo civilisado, dando a Portugal o logar honroso que lhe compete entre as nações colonias.

Faz em breves traços a historia das conquistas e descobrimentos dos portuguezes, sob a direcção do infante D. Henrique, e da fundação do imperio colonial da India pelo grande Afonso de Albuquerque.

A politica portugueza que então dominou na Asia, desviou-se dali nos seculos XVII e XVIII, principiando a sua acção na America do Sul e ali iniciam os portuguezes esse outro imperio colonial que, não obstante se ter emancipado, fica nas melhores relações com Portugal, sendo uma das maiores glorias para os colonisadores portuguezes.

Com respeito ás nossas colonias de Africa, demonstra que elas estão hoje occupadas de facto, e delimitadas as suas fronteiras de acordo com as outras potencias. Ha hoje ali construídos 1:500 kilometros de caminhos de ferro e 11:500 de linhas telegraficas com 355 estações.

Esses caminhos de ferro transportaram em 1909, 240:000 passageiros e 826:000 toneladas de mercadorias, produzindo a receita bruta de 15.330:000 marcos, ou sejam uns 3.525:000\$000 réis.

Nos últimos trinta anos o governo portuguez da metropole concorreu com 266 milhões de marcos (61.180:000\$00 réis) para cobrir o deficit do orçamento colonial. O valor do capital fornecido por Lisboa para empresas colonias sobe a 211 milhões de marcos, cerca de 48.530:000\$000 réis. As empresas portuguezas industriaes e agricolas estabelecidas em Africa representam o valor de 3:750 milhões de marcos, ou seja réis 862.500:000\$000. Em 1880 as receitas publicas nas nossas colonias foram de 7 milhões de marcos e em 1910 elevaram-se a 40 milhões, ou 9.200:000\$000 réis.

A eloquencia das cifras é hoje superior á retórica dos melhores discursos; a obra colonial portugueza em Africa não é tão estacionaria como alguns pessimistas a querem considerar. Bem ao contrario se prova que ella é progressiva e, se não floresce ainda como seria para desejar, é porque durante bastantes anos se descurou, e agora nos falta o tempo e capital a despeito de todos os esforços para lhe dar mais rapido incremento.

Entretanto as nossas colonias de S. Thomé e Príncipe e Lourenço Marques, são já pelo seu estado florescente uma bela afirmação da nossa força colonial.

Não permite o espaço que a cronica siga o illustre conferente em todos os assuntos da sua vasta conferencia, limitando-se a frisar os seus topicos mais positivos e que maior importancia tem no actual momento.

De facto, não podiam vir mais a proposito estas conferencias, agora que no seio da Alemanha, como na imprensa de outras nações e até na judaica *Gazeta de Holanda*, as colonias portuguezas andam em almoeda.

A Alemanha, principalmente, volta neste momento a revelar um alto interesse pelas nossas colonias e, em contraste com aquele general alemão que, sem cerimonia, alvitra o esproprial-as, e repartil-as, vem o sr. Singelmann na *Magdeburgische Zeitung*, em desenvolvido artigo, convidar o capital alemão a interessar-se em empresas nas nossas colonias, á semelhança do que tem feito o inglês e o francês. Cita as grandes companhias concessionarias ali estabelecidas com este capital e lamenta a ausencia dos alemães nestas empresas.

Assim, escreve o sr. Singelmann, não será de surpreender que, dada a corrente dos capitaes ingleses para a Africa portugueza e a simpatia cada vez mais acentuada de Portugal pela Inglaterra, esta venha a ter todas as preferencias, em prejuizo da Alemanha, se Portugal se resolver a vender ou arrendar algumas das suas possessões colonias, não obstante o tratado algo-alemão de 1898 conferir á Alemanha o direito de opção nessas circumstancias, o que aliás de pouco lhe valerá se nelas dominarem os capitaes ingleses e franceses.

O ciume é manifesto e o articulista não oculta a sua desconfiança de que esta maior aproximação entre Portugal e a Inglaterra será resultante

da presença, em Lisboa, de sir Arthur Hardinge, diplomata e grande colonial, escolhido pela Inglaterra para a representar junto do governo portuguez.

De tudo isto se vê claramente o muito que os nossos dominios colonias estão preocupando as potencias que não ocultam as suas pretensões sobre eles, como facilmente se compreende a necessidade de os defendermos por todos os modos que nos sejam possiveis.

O sr. conde de Penha Garcia está prestando um alto serviço patriotico com as suas conferencias, mas isso não basta. E' preciso que o governo portuguez e todos os portuguezes que podem influir no desenvolvimento das nossas colonias, positiva e praticamente se dediquem a essa grande obra patriótica que se impõe, sem platonismos nem adiamentos.

Não se percam forças em estereis lutas politicas inoportunas nestes tempos positivos em que os povos só se impõem pela boa administração das suas finanças e valor economico, de que tiram a sua força mundial.

Este é que é o assunto palpitante e por isso a cronica o preferiu, pedindo, porventura, desculpa aos seus leitores de, em vez de lhe falar das *grèves* e disturbios, tão condenaveis quanto estereis, lhes sirva esta mistura de colonias e de cifras, pondo a claro o que muitos portuguezes parecem ignorarem ou não quererem saber...

CAETANO ALBERTO.

Tenente coronel d'engenharia A. A. Freire de Andrade

Diretor geral das colonias

Delegado do governo portuguez na convenção de Bruxellas
reunida a 4 de janeiro n'aquella capital

O OCCIDENTE honra hoje as suas paginas publicando o retrato dum dos mais notaveis homens do nosso país o tenente coronel sr. A. A. Freire de Andrade, o prestigioso ex-governador geral de Moçambique e que o governo agora escolheu para representar os interesses de Portugal na conferencia de Bruxellas, onde se debatem questões que tanto afetam as nossas colonias, como o alcool e o assucar. Nenhum homem *mais bem informado* sobre esses importantissimos assuntos poderia ter sido escolhido, nenhum com tanto merecido prestigio entre os estrangeiros poderia ali ir honrar o nome do velho Portugal pondo tão grandes faculdades de trabalho, lucida intelligencia e vontade patriótica ao serviço dos nossos interesses, como o actual diretor geral das colonias, e n'isto está o mais merecido elogio que se pôde fazer ao governo que o nomeou.

O sr. Freire de Andrade não é um desses colonias de gabinete que de tudo falam e que muito pouco conhecem: A sua vida desde 1890 tem sido gasta em Africa numa e noutra costa. Pouquissimos portuguezes haverá que tenham palmilhado tantos milhares de kilometros pelo interior de Moçambique como elle tem feito nos estudos do caminho de ferro do Transvaal, delimitação de fronteiras de Manica, do Transvaal, campanha de Gaza e tantos outros trabalhos valiosos de que o país lhe é devedor e que tão respeitado tem feito o seu nome entre todos os nacionaes e estrangeiros que amam o seu país ou a terra que lhes dá hospitalidade.

Peoneiro africano, soldado e estadista, o sr. Freire de Andrade tem dado as suas provas e a sua passagem pelo governo de Moçambique ha de ficar na historia como a mais proficua, honesta e intelligente administração de Portugal colonial nos últimos 20 anos, em que pese a uma minoria desvaivada, identica aquélla que no tempo do grande Albuquerque o abocanhava e intrigava na côrte como agora se tentou fazer, conseguindo aliás afastar de Moçambique o homem que tão preciso era para o seu progresso e desenvolvimento.

Numa representação que os operarios de Lourenço Marques em outubro de 1908 dirigiram ao governo para que o sr. Freire de Andrade voltasse sem demora para Moçambique, lê-se o seguinte periodo que vale a pena transcrever para mostrar a justiça que os mais humildes faziam a este grande colonial:

«Se acaso tudo isso se pôde reconhecer nos homens que precederam o actual governador

geral, NENHUM dêles porém FEZ, NENHUM TRABALHOU como elle, traduzindo em OBRAS as ideias do seu fecundo cerebro; nenhum mostrou essa tenacidade heroica de todos os dias, provada todas as horas sem um desfalecimento, a despeito da falta de recursos, a despeito da falta de poderes, a despeito da luta de um, contra cem perniciosos habitos e contra cem ainda mais perniciosos politicos. E sempre avançando, que o soldo dia seguinte, sempre o encontrou mais adiante na estrada do progresso e do dever. Com elle caminhamos, e se em tão pouco tempo se pôde avançar tanto, porque em tanto tempo passado se caminhou tão pouco?»

Como os humildes sinatarios deste documento a historia imparcial ha de fazer inteira e completa justiça a esse homem de raro merecimento e de rara modestia que trabalha e produz, d'olhos fitos só no bem do seu país e cuja politica consiste unicamente em contribuir para o desenvolvimento do nosso patrimonio colonial a que elle tem dedicado a vida inteira e o melhor da sua privilegiada intelligencia.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Lourenço Marques a Durban

Pouco depois de amarrarmos em Lourenço Marques, vieram a bordo o capitão do porto, capitão-tenente Guerreiro e o chefe da Estação Naval e commandante da canhoneira *Diu*, capitão-tenente Ferreira de Sousa. Retribui estas visitas e fui cumprimentar o governador geral, capitão-tenente José de Freitas Ribeiro, com o qual visitei a cidade, nova estação dos caminhos de ferro, Empresa de Panificação a Vapor, edificio dos correios, Instituto de Entomologia, observatorio, etc. Tive occasião de observar os grandes progressos que tem feito, hoje sem duvida a maior e a melhor cidade portugueza fóra da Europa. No dia 17 de janeiro convidei o governador para um almoço a bordo, para agradecer as attentões que s. ex.^a teve para com os officiaes do *S. Gabriel* durante a permanencia d'este navio em Lourenço Marques.

Não sendo necessaria por mais tempo a presença do navio, pelas 9,30 da manhã do dia 21 suspendemos e começamos a navegar em direcção a Durban. Emquanto navegamos na bahia aproveitámos os diferentes enfiamentos para determinar desvios da agulha padrão. Às 11,30 contornámos o farol de Cockburn, ás 12,30 tínhamos o da Inhaca pelo travez e navegámos ao longo da costa com bom tempo e vento NE bonancoso.

Na madrugada do dia 22 rondou o vento para SE e SSW, refrescando e trazendo aguaceiros. Navegámos todo o dia com terra á vista por EB e ás 3,10 avistou-se pela proa o farol de Durban. Às 4,30 mettemos a bordo o piloto que aqui é obrigatorio e pelas 5 horas amarrámos a uma boia no porto interior, perto do couraçado hollandez *De Zeven Provincien*.

De Durban a Port Elisabeth

Não visitava Durban ha 20 annos e vim encontrar este porto muito melhorado. Considero actualmente Durban o primeiro porto africano, pelo facil acesso, pelo abrigo completo que offerece e pela «outillage» de que está provido. A media da altura d'agua sobre o banco da barra nas baixamares foi o anno passado de 34 pés e 3 pollegadas. Entram portanto no porto os maiores navios que navegam n'estes mares em qualquer hora de maré. Com o systema das «sand traps» (ratoeiras de areia) é agora facil manter o canal da barra. As areias veem do sul; fazendo tres grandes covas «sand traps» por meio das dragas sugadoras ao sul do extremo do molhe do sul, as areias caem n'essas covas e não veem obstruir a barra. No fim de periodos que variam com a frequencia dos temporaes vão as dragas fazer novas covas mantendo-se assim o canal sem n'elle se dragar. No interior do porto existem 3:925 metros de caes acostavel. O serviço de embarque de carvão para exportação faz-se no Bluff e a importação de madeiras em Congella, deixando os caes da cidade para o serviço de passageiros e carga geral.

No anno de 1909, entraram e saíram do porto

2:313 vapores e 85 navios de vela. Muitos navios de vapor veem hoje a Durban abastecer-se de carvão e carregar combustível para outros portos. Em 1909, exportaram-se 404:317 toneladas e meteram diferentes navios nos paioes 835:001 toneladas. No mez de dezembro findo, exportaram-se 36:837 toneladas e metteram-se nos paioes 101:810. O carvão vem das vinte diferentes minas, em wagons, directamente para bordo dos navios ou para os batelões quando os navios não queiram atracar. O *S. Gabriel* mettu 171,5 toneladas de carvão da mina St. George fornecido pelos srs. King & Sons ao preço de 16 shillings f. o. b. Apesar do consumo ser de 10 por cento superior ao do bom carvão Cardiff, a economia no preço compensa largamente esse excesso de consumo. Todos os paquetes da Union Castle se abastecem de carvão em Durban. Os serviços publicos no Natal estão a cargo do governo: caminhos de ferro, tramways, luz electrica, agua, «pier» para banhos na praia, Jardim Zoologico, etc. Assim os bilhetes dos tranways dão entrada no Jardim Zoologico e no recinto dos banhos na praia e sendo todos do mesmo preço, 1½ pence, vendem-se aos masses de 3 shillings o que constitue uma grande commodidade para o publico.

Pouco depois de amarrarmos á boia em Durban, vieram a bordo o consul de Portugal, João Miguel Rosa, acompanhado do immediato do capitão do porto e um guarda-marinha desarmado da parte do commandante do couraçado holandez *De Zeven Provincien*, comunicar-me que não trocavam visitas officiaes com o *S. Gabriel*, não por falta de consideração para conosco mas por não estar ainda a Republica Portuguesa reconhecida pelo seu governo. No dia 23 de janeiro fui, acompanhado pelo consul de Portugal, visitar o *chief magistrate* P. Binnes, aqui a primeira auctoridade, e o «mayor» Hollander.

Estas visitas foram nos, no dia seguinte, retribuidas convidando-me o *chief magistrate* para um *lunch* no Durban Club, ao qual assistiu o consul. No dia 26 entrou no porto o navio de guerra francez *Vaucluse*, com o qual troquei cumprimentos depois de me ter informado que seriam retribuidos. Tive a surpresa de receber a visita de lord Methuen, commandante em chefe das forças militares da Africa do Sul, que, de passagem por Durban, nos desejou cumprimentar. Fui nessa mesma tarde despedir-me de s. ex.ª a bordo do paquete *Kildonan Castle* em que partiu para East London. No dia 27 mettemos carvão e no dia 28 convidei para um *lunch* a bordo o *chief magistrate* commandante do *Vaucluse* capitão de fragata de Jonquieres e o consul de Portugal.

O consul de Portugal foi muito amavel para com os officiaes do *S. Gabriel*, convidando-os para jantar em sua casa e foi sem duvida devido á sua boa situação que o içarmos a nova bandeira não trouxe a menor dificuldade.

Pelas 4 horas da tarde do dia 28 largámos a boia, saímos do porto e, depois de deixar o pratico, seguimos para o sul. Na madrugada de 29 soprou vento SSW fresco acompanhado de chuva que levantou alguma vaga. Vimos ao meio dia ter tido, em 19 horas, uma corrente de 42 milhas a favor, em vista do que apagámos uma caldeira. A's 7,30 avistou-se o farol de Great Fish Point continuando uma corrente a favor de 4 milhas por hora. Pelas 3,30 da manhã do dia 30 appareceu pela proa o farol do Cabo Recife, 4,30 avistou-se o de Port Elisabeth e, contínuando a demandar esta bahia, fundeámos ás 6,30 da manhã no ancoradouro dos navios de guerra com 45 braças de amarra.

De Port Elisabeth a Capetown

Pouco depois de fundearmos vieram a bordo o capitão do porto e vice-consul de Portugal, E. L. Martin, que é ali o agente da Union Castle line.

Com este senhor visitei o «mayor» da cidade G. S. Whitehead e o acting civil commissioner e resident magistrate J. M. Richards, e fui convidado a lunchar na sua residencia. De tarde soprou vento NW muito rijo que impossibilitaria as communicações com a terra se o capitão do porto não tivesse muito amavelmente posto á nossa disposição os bons rebocadores do governo. No dia 31 de janeiro foram-me retribuidas as visitas que fiz e foi-me offerecido um *lunch* no Club pelo «mayor» ao qual assistiram o vice-consul de Portugal, dois officiaes do *S. Gabriel* e as principaes auctoridades de Port Elisabeth. Acompanhado pelo «mayor» visitei o Market Hall onde existe um interessante museu, e o mercado das

pennas de avestruz, que constituem o mais importante commercio d'esta região.

A cidade de Port Elisabeth gosa d'um muito bom clima, as ruas muito bem cuidadas são tratadas com residuos de petroleo, existem bons edificios, escolas, tranways e luz electrica, e os generos alimenticios, carne, fructas e hortaliças são mais baratos do que em qualquer outro ponto da costa. O porto é muito desabrigado para os ventos do quadrante SE emquanto se não construir o porto artificial projectado. Durante a nossa permanencia, foram os officiaes do *S. Gabriel* feitos socios honorarios do Golf e Lawn-tennis Club.

Com muito bom tempo, suspendemos pelas 6 horas da tarde e continuámos a navegar em direcção a Capetown, á vista dos faroes da costa. No dia 1 de fevereiro, encontramos muito bom tempo. Ceu limpo, vento ESE bonançoso e terra á vista por estibordo. De tarde cruzámos nm paquete da Union-Castle com o qual falamos pelo telegrapho e á noite o vapor inglez *Maldonado* que conosco correspondeu por signaes de relampagos.

A conhecida corrente das Agulhas foi por nós encontrada muito mais fraca para oeste de Algoa Bay.

A ella se referem as seguintes estancias dos *Luçiadás*, Canto V:

LXVI

«D'aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias
Só conduzidos de arduas esperanças;
Co'o mar um tempo andámos por porfias;
Que como tudo n'elle são mudanças,
Corrente n'elle achámos tão possante
Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava.
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar parece, tanto estava
Os assopros esforça iradamente
Com que nos fez vencer a grão corrente.»

Donde se prova ella ter sido observada pelos nossos primeiros navegadores.

Pelas 8,15 da noite começaram a vêr-se nas nuvens os reflexos do farol do Cabo das Agulhas, que ás 10,30 se marcou pelo travez a 5 milhas. Continuámos ao longo da costa com muito bom tempo á vista dos diferentes faroes. Pouco depois da meia noite estavam em communicação telegraphica com o cruzador inglez *Hermes*, em Simons bay. A's 6 horas da manhã do dia 2, contornámos o Cabo da Boa Esperança e seguimos ao longo da costa a demandar a bahia da Meza, onde ás 11 horas mettemos o pratico, salvámos á terra e entramos no porto artificial ficando amarrados ao molhe de leste.

O carvão que mettemos no Natal ainda deu melhor resultado do que esperavamos. O consumo não chegou a ser superior a 10 por cento ao do bom carvão Cardiff. Com duas caldeiras e para uma velocidade media de 10,4 gastamos á razão de 84,6 kilogrammas por milha, o que, ao preço de 16 shillings a tonelada, corresponde a 305 réis por milha navegada.

Pelos documentos existentes a bordo vimos ser esta a primeira vez que este navio, n'esta região, navega a menos de 1:000 réis por milha. Considero uma estravagancia queimar carvão Cardiff na Africa do Sul.

Capetown, 2—2—911.

De Cape Town a Angra Pequena (Luderitzbuucht)

Apesar de Cape Town se considerar a porta principal (Front door) da Africa do Sul, o facto é que o augmento do commercio do interior pouco tem beneficiado esta cidade, ao passo que os portos do leste, Port Elisabeth, East London, Durban, Lourenço Marques e Beira prosperam enormemente.

A parte os paquetes de mala, o movimento do porto é pequeno e não se torna por emquanto necessario o augmento das dokas de fluctuação, projectado. Cape Town, fundada em 1652 pelo primeiro governador hollandez Van Riebeeck, é

hoje uma bella cidade com uma população de 77:668 habitantes, dos quaes 44:203 pertencem á raça branca; occupa uma area de 2:423 kilometros, tem 133 kilometros de ruas, 22 de tramways electricos e 210 de canalisação de despejos e drenagem.

A administração das cidades inglezas da Africa do Sul é muito interessante por terem posto em pratica as ideias socialistas n'aquillo que é possivel e tem de bom.

O seguinte quadro mostra o numero dos habitantes e os encargos das diferentes municipalidades:

Cidades	População branca	Dívidas	Dívida por habitante
Port Elisabeth.	21.277	£ 766 c82	£ 36
Pretoria.....	21.000	1.000.000	47
Durban.....	30.000	2.540.000	84
Cape Town...	60.000	2.926.950	48
Bloemfontein..	12.000	972.977	81
Maritzburg....	16.000	1.000.000	62
East London..	13.000	380.000	29

Considerando que a população de côr quasi não paga impostos, pôde avaliar-se os peizados encargos que pezam sobre os brancos. Os impostos directos são bastante elevados, em media de 2½ pence por libra de capital, mas as populações não se queixam habituadas como estão á carestia da vida no paiz do ouro e dos diamantes. As municipalidades equilibram facilmente os seus orçamentos devido a usufruirmos as receitas dos serviços publicos, quasi todos a seu cargo. Quasi todas administram os serviços dos tranways, iluminação, abastecimento de agua, despejos, mercados, banhos, lavadeiras, matadouros, cemiterios, parques, bibliothecas, museus e divertimentos publicos. Todos estes serviços, administrados por gente competente e bem paga, produzem importantes receitas.

Em Durban dão um lucro de £ 90.000 por anno, e em Pretoria, da receita total, que é de £ 190.000, só £ 48.000 provém dos impostos. Cape Town tem uma receita de £ 536.000, mas só £ 151.000 são devidas aos impostos e Johannesburg, que tem £ 709.000 de receita, só pede contribuintes metade d'essa quantia. São tambem as municipalidades proprietarias de vastos terrenos que alugam e vendem dentro e fóra das cidades.

O minimo que se paga nos tranways são geralmente 60 réis (3 pence) e o custo da electricidade para iluminação varia de 6 pence a 1 shilling por kilowatt e para força motriz de 1 a 5 pence. Estes preços são bastante elevados mas estão de accordo com a riqueza d'este paiz onde se pôde dizer que a moeda de cobre não existe. Tem dado tão bom resultado esta administração municipal, que se procura estendel-a a outros serviços publicos: varias cidades tem agora padarias municipaes e começa a installação de leitarias.

E' curioso que, predominando na Africa do Sul a influencia do capitalismo e uma certa aristocracia, seja aqui que as idéas mais democraticas e socialistas tenham sido mais vantajosamente postas em pratica.

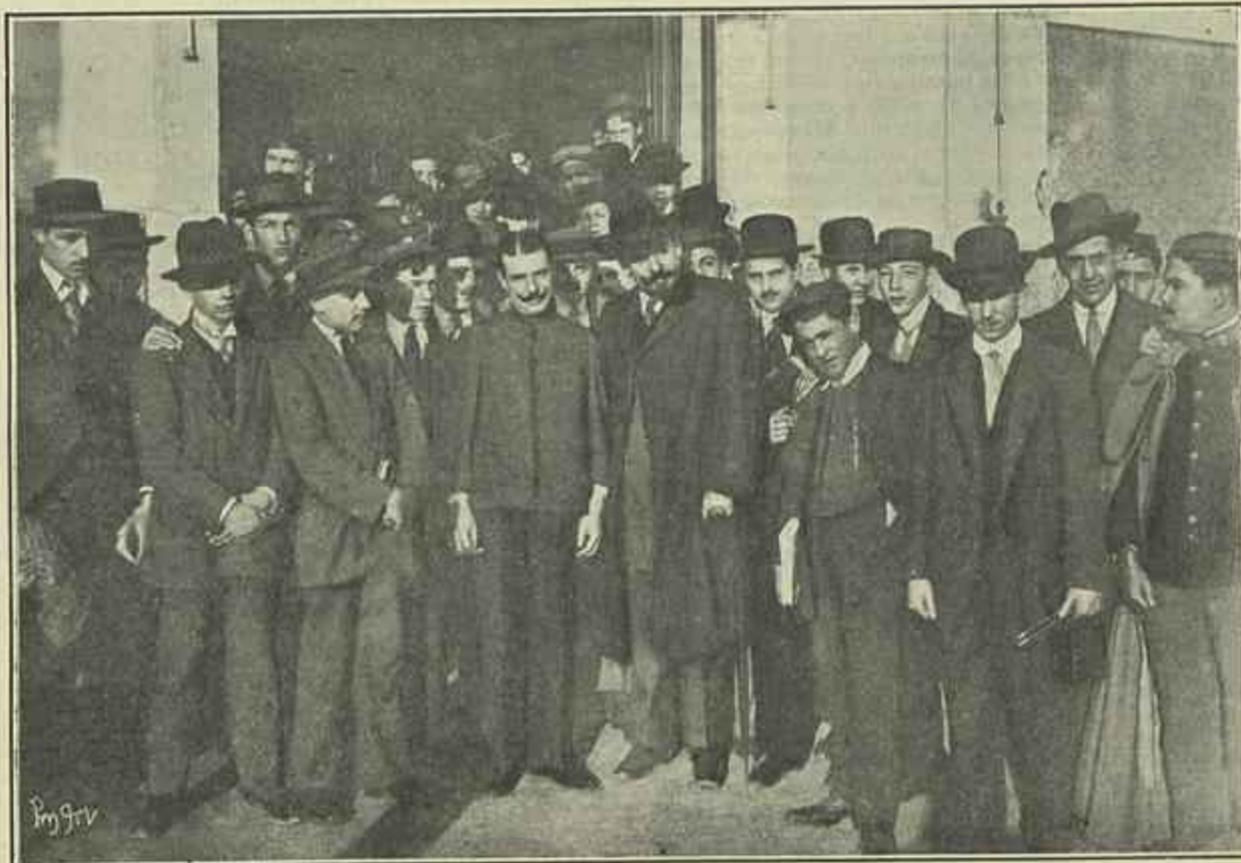
Para se fazer uma idéa da importancia actual da Africa do Sul basta dizer que o orçamento agora publicado para 1911-1912 é de £ 16:165.958, ou seja mais de oitenta mil contos de réis.

Em Cape Town entramos para dentro da doka e amarrámos á «east jetty». Tendo de proceder a uma limpeza interior dos tubos das caldeiras, não nos pareceu prudente ficar no fundeadouro exterior que não é seguro sem poder dispor da machina. Além d'isto, precisavamos proceder a reparações na caldeira auxiliar, o que nos privava de luz, e do escaler a vapor. Amarrados ao caes, obtivemos que o porto nos fornecesse electricidade da sua estação central, pagando £ 11.10.9, o que é inferior ao que nos custaria o funcionamento da nossa caldeira auxiliar. Consumimos em media 40 kilowatts por noite ao preço de 8 pence.

Apenas no dia 2 de fevereiro amarrámos ao caes, veio a bordo o consul de Portugal, general Ferreira de Castro, em companhia do qual visitámos lord Gladstone, alto commissario, general Botha, primeiro ministro, sir Frederick W. Smith, «mayor», e sir N. Frederic de Waal, governador da cidade, visitas que me foram retribuidas.

No dia 6, fui convidado pelo primeiro ministro Botha para um *lunch* no Palácio do Parlamento,

O ENSINO PRÁTICO



VISITA DOS ALUNOS DOS LICEUS Á FABRICA DE CHOCOLATE INIGUEZ
No centro do grupo o sr. Manuel A. Iniguez

ao qual assistiram o seu secretario, o ministro das Finanças mr. Hull, o ministro do Commercio e Industria e o coronel Scott. A convite de s. ex.ª, assisti, da sua tribuna, a parte da sessão da camara. Fallando a maioria dos membros em hollandez, lingua que desconheço, não pude apreciar a discussão em que se tratava das doenças do gado. Mettemos 126 toneladas de carvão do Natal a 23 shillings posto nos paioes. No dia 7, fui convidado pelo lord Methuen, commandante em chefe das tropas da Africa do Sul, para um *lunch* no Civil Service Club, ao qual assistiram varios officiaes de terra e mar. Troquei visitas com o contralmirante Paul Warner Bush, commandante da Estação do Cabo, em Simonstown, onde fui convidado para um *lunch* no dia 8. Estiveram a bordo a cumprimentar-me o captain H. J. Savill, commandante do navio almirante *Hermes*, e os consules da Hollanda H. van Oordt van Lauwenrecht e de Hespanha Luis Rubio Amoeido. No dia 11 convidei lord Methuen e o seu ajudante *captain* L. E. Beecher para um *lunch* a bordo, ao qual assistiu o consul de Portugal, e no dia 13 o almirante Bush e mrs. Bush para um chá, visto suas ex.ª me terem telegraphado de Simonstown dizendo que me desejavam visitar n'esse dia.

Tendo concluido a limpeza das caldeiras e recebido informações do governador interino da provincia de Moçambique dizendo não ser ali necessario o navio, partimos de Cape Town pelo meio dia de 14 logo depois de receber a mala chegada da Europa essa manhã.

Fôra do porto, ceu limpo e muito bom tempo. Das 4 ás 6 horas da tarde passámos á sombra da ilha Dassen para fazer uma tabella de desvios, continuando em seguida a navegar em direcção á Angra Pequena (Luderitzbucht). Amanheceu o dia 16 com nevoeiro muito espesso o que é vulgar n'esta região. Prumámos de hora em hora, e ás 9 a. m., como o nevoeiro começasse a levantar, approámos á terra reconhecendo a costa ao longo da qual seguimos. Ao meio dia determinámos a latitude, 26º 49' Sul e pouco depois avistámos o farol de Dias Point, á entrada de Angra Pequena. Pela 1,15 fundeámos no porto interior Robert Harbour com 40 braças de amarra em 5 de fundo.

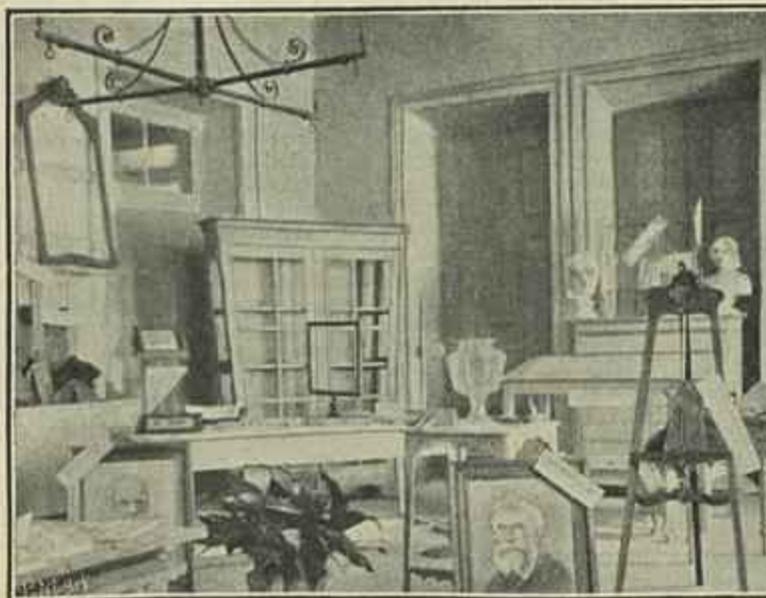
(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



O Ensino Pratico

Os estudantes dos Liceus de Lisboa teem feito visitas a varios estabelecimentos industriaes, como meio instrutivo e educativo para o conhecimento pratico da laboração de diferentes industrias.



ESCOLA OFICINA N.º 1 — GRUPO DE ALUNOS COM OS PROFESSORES — EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DOS ALUNOS

Uma dessas visitas realizou-se na fabrica de chocolate Ignez, onde o seu proprietario recebeu, com toda a urbanidade, os visitantes, e lhes explicou, em presença dos maquinismos, toda a complicada laboração daquela industria.

Estas visitas, de ha muito adotadas nos centros mais adiantados da instrução lá fóra, constituem para os estudantes lições practicas de grande aproveitamento.

Sob este ponto de vista registamos tambem os progressos feitos na Escola Oficina n.º 1, mantida pela Sociedade de Asilos, Creches e Escolas, creada por sua iniciativa.

Esta escola de ensino literario e profissional realizou agora uma exposição dos trabalhos dos seus alunos, que são



O 31 DE JANEIRO NO PORTO

O CORTEJO PASSANDO ANTE O MONUMENTO DOS VENCIDOS, NO CEMITERIO DO REPOUSO (Cliché E. Biel)

uma bela e evidente prova do ensino pratico que ali se ministra.



O 31 de Janeiro no Porto

Esta data, que em Lisboa passou um tanto desapercibida em consequencia da perturbação da ordem publica motivada pela greve geral, foi celebrada na cidade do Porto com entusiasticas manifestações, sendo a mais significativa o grande cortejo, em que se incorporaram todas as forças vivas da laboriosa capital do norte.

O cortejo, em que tomaram parte tambem os voluntarios, formou-se na Praça da Republica donde se dirigiu ao cemiterio do Repou.



A «GREVE» GERAL EM LISBOA — OS GREVISTAS ASSALTANDO UM CARRO ELETRICO EM ALCANTARA (Cliché da «Mala da Europa»)

so, seguindo pelas principais ruas da cidade que estavam embandeiradas e com muitos prédios afestoados de flores em festa nacional, sendo grande a concorrência de povo a assistir á sua passagem durante mais de uma hora.

Chegado o cortejo ao cemiterio ali desfilou lentamente ao som das musicas que tocavam a *Portuguesa*, ante o monumento dos vencidos da revolução de 31 de janeiro, em respeitosa continencia. Muitas das entidades que formavam o cortejo depuzeram no monumento ramos de flores e cartões com palavras de saudação.

Foi uma manifestação imponente que decorreu na melhor ordem e com entusiasmo, não obstante a chuva por vezes prejudicar seu maior brilho.



A «grève» geral em Lisboa

Quando este numero do OCCIDENTE sae a publico já toda a cidade tem voltado á normalidade da sua vida habitual, e os nossos leitores estarão suficientemente informados, pela imprensa diaria, do que ocorreu em Lisboa nos ultimos dias de janeiro, motivo porque só muito sumariamente vamos registar o acontecido, arquivando-o neste repositório da historia.

Nos ultimos dias de janeiro manifestou-se em Evora uma *grève* dos trabalhadores rurais sob o pretexto dos patrões ou lavradores faltarem ao que haviam prometido áqueles com respeito a salarios.

Os trabalhadores vieram para a cidade em atitudes agressivas, na disposição de invadirem os estabelecimentos e casas particulares, para os saquearem, como lhe haviam aconselhado certos individuos.

O governador civil, com a força armada de

que dispunha e a que requisitou de Lisboa, fez dispersar os *gr. vists*, prendendo os cabecilhas, e mandou fechar as associações operarias, onde constava ter-se preparado esta *grève* tumultuaria e agressiva.

Estes acontecimentos de Evora tiveram a sua repercussão em Lisboa, onde a União dos Sindicatos Operarios se colocou ao lado dos *grevistas* rurais, tentando a *grève* geral na cidade enquanto não fossem atendidas pelos poderes publicos as reclamações que formulou:

Soltura dos *grevistas* presos em Evora;

Abertura das associações mandadas fechar pela autoridade;

Demissão do governador civil.

O governo, devidamente informado do ocorrido em Evora, e no desejo de conciliação, atendeu, em parte, as reclamações do Sindicato, dando ordem para serem soltos os presos que se reconhecesse não terem responsabilidade de promotores da *grève*, mandando que sem demoras, se instaurasse processo aos responsaveis que poderiam ser afiançados, e prometendo a reabertura das associações.

Como esta resolução do governo não satisfiz completamente as reclamações do Sindicato, e este proseguiu na sua tentativa de *grève* geral, que se manifestou na cidade, na manha do dia 29 de janeiro.

As primeiras violencias manifestaram-se de facto naquela manha, principiando os *grevistas* por se oporem á circulação dos carros eléctricos, impedindo-lhe a sahida da estação de Santo Amaro e lançando bombas explosivas sobre um carro, que um guarda-freio, mais afoito, ainda fez andar até á rua de S. Joaquim, valendo-lhe o ser ferido nas mãos e na cara assim como o condutor, e o carro ficar com o tejadilho da plataforma destruido.

Pela cidade espalharam-se grupos de *grevistas*, indo ás fabricas e officinas intimar aos operarios para largarem o trabalho. Nas ruas, intimavam os trens e automoveis a recolherem-se, não os deixando circular.

As fabricas e officinas cessaram a sua laboração, mau grado de muitos operarios que queriam trabalhar, e das autoridades mandarem a guarda republicana e policia guardal-as, mas os proprietarios, para evitar maiores violencias e conflitos, houveram por bem fechal-as.

Assim se conservou Lisboa dois dias sem o habitual movimento de carros eléctricos ou outros quaesquer veiculos de passageiros, sem jornaes e no risco de não ter carteiros nem boletineiros do telegrafo, pois estes ultimos abandonaram o serviço, sendo, contudo, logo substituidos por bombeiros municipaes. As casas de espetaculo tambem fecharam todas, duas noites.

Ao passo que isto acontecia, na sede da União dos Sindicatos Operarios, recentemente estabelecida no antigo palacio dos marquês de Pombal á rua do Seculo, reunia-se grande numero de operarios, onde se discutia acaloradamente e se tomavam resoluções para sustentar a *grève*. Nas ruas continuavam conflitos e lançavam-se bombas ameaçadoras num ou noutro ponto da cidade.

Entretanto, pelo que fica exposto, facilmente se comprehende que a *grève* era forçada por instigadores, mais parecendo fomentar uma revolução, do que defenderem os seus interesses economicos.

Este estado indicava naturalmente medidas energicas e imediatas do governo, e assim, pela tarde do dia 30 o *Diario do Governo*, publicava um decreto suspendendo as garantias constitucionaes no distrito de Lisboa.

Poucas horas depois era distribuido e afixado nos logares publicos o seguinte edital:

O general Antonio do Carvalho da Silveira Telles de Carvalho, comandante da primeira divisão do exercito e da primeira circumscrição militar, faz publico que pelo governo da Republica foi decretado o estado de sitio, e suspensas totalmente as garantias constitucionaes no distrito de Lisboa e entregue ao governo militar o governo da cidade e a manutenção da ordem publica.

Nestas condições, convido todos os cidadãos pacificos a recolher a suas casas depois das suas occupações durante o dia, e á noite depois do toque de recolher nos quartéis.

Não são permitidos ajuntamentos nas ruas e praças publicas, os quaes serão dissolvidos pelo emprego das armas, depois de empregados os meios suavórios.

E' absolutamente garantida a liberdade de trabalho.

Quartel general da primeira divisão, 30 de janeiro de 1912.

Antonio do Carvalho da Silveira Telles de Carvalho, general.

Pela madrugada do dia 31, forças militares de terra, da marinha, de batalhões voluntarios e carbonarios, sob o comando do major sr. Simas Machado, occuparam as cercanias da sede do Sindicato, fazendo um completo cerco, enquanto a policia foi intimar os individuos que ali estavam a sahirem. Não sendo atendidas a primeira e segunda intimações, foi feita uma terceira estando já aproximadas do edificio algumas forças de infantaria com as armas apontadas.

Então principiaram a sahir as pessoas que lá estavam, homens, algumas mulheres e creanças, ao todo cerca de 600, e, debaixo de prisão, seguiram para o Arsenal de Marinha, donde uma parte foi para bordo da fragata *D. Fernando* e outra para o *Pero de Alemquer*.

Realisaram-se ainda mais prisões, sendo aproximadamente 1:000 o numero total dos presos. Entre elles contam-se como mais importantes e conhecidos os srs. José de Azevedo Castelo Branco, Antonio d'Albuquerque autor do livro *Marquês da Bacalhóia*, Miguel Bombarda, Jorge Coutinho, Sebastião Eugenio, José Maria Gonçalves e Raul Placode, espanhol.

Para se avaliar da prudencia com que a ordem foi restabelecida, basta notar que não houve mortes e apenas alguns ligeiros ferimentos produzidos por uma outra bomba, como referimos.

Lisboa voltou á sua vida habitual, trabalhando todas as fabricas e officinas, havendo jornaes e espectaculos e circulanno livremente todos os veiculos.



O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro de 1912

Barometro — Max. altura 773^{mm}.7 em 3.
Min. altura 752^{mm}.6 em 23.

Se exceptuarmos a primeira semana, no restante do mez, o nivel barometrico esteve sempre inferior ao normal, devido ás grandes depressões que invadiram a nossa costa.

Termometro — Max. altura 16°.3 em 11.
Min. altura 5°.1 em 14.

A temperatura foi, em geral, elevada, como consequencia do primeiro facto citado.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 7 dias.
> > nublado 16 dias.
> > encoberto 8 dias.

Horas de sol descoberto — 115 h. e 36'.

Chuva — 111^{mm}.1 em 18 dias, sendo abundante em 15 (18^{mm}.2), 20 (14^{mm}.2), 21 (15^{mm}.0) e 29 (14^{mm}.0).

Nevoeiro — Em 20 e 22.

Trovões — Em 21.

Errata — No mez de dezembro de 1911, leia-se alturas da chuva 122^{mm}.8 em 17 dias, em vez de 118^{mm}.7.



SÉDE DA UNIÃO DOS SINDICATOS OPERARIOS,
NA RUA DO SEculo: ASPÉTO NA MANHA DE 30 DE JANEIRO

(Cliché da «Mala da Europa»)



O Semeador. — *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa.* Recebemos o n.º 10, correspondente a outubro do ano passado, desta util publicação cujo sumario é o seguinte: Sementeira — Solo e planta — Animaes da Granja — Artes agricolas — O que a terra dá — Nos mercados — Associação agricola, etc.

Calendario da Fabrica de Bolachas da Pampulha para 1912. — Conforme os mais anos, esta acreditada fabrica, das mais honrosas tradições na sua industria, que seu fundador, Eduardo Costa e seu sucessor Inacio Costa, elevaram á maior perfeição dos seus productos, brindou agora os seus clientes com um lindo calendario primorosamente colorido em cromo representando um quadro da *Proclamação da Republica no Palacio das Côrtes*, emoldurado em uma composição allegorica de belo efeito, onde se vê na parte inferior o retrato de Inacio Costa, que faleceu o ano passado, testando aos seus empregados de escritorio e operarios a sua fabrica.

Este facto, além de mostrar os sentimentos altruistas do finado proprietario, é ao mesmo tempo um grande exemplo pratico de socialismo. Nestas circunstancias, os herdeiros formaram uma sociedade por quotas, que continua explorando a fabrica, continuando tambem no proposito de a fazer progredir como foi sempre o empenho dos seus fundadores.



Chronicas Lyricas

Teatro de S. Carlos

As recitas com a insigne cantora Ester Mazzoleni

Depois da estreia da distincta cantora Ester Mazzoleni na *Gioconda*, a que já no ultimo numero nos referimos com sincero agrado, em virtude dos disturbios que encheram de susto a nossa capital, o theatro esteve fechado durante uma semana. Por isso hoje não tenho nenhuma opera nova a criticar, a não ser dizer que a reabertura foi outra vez com a *Gioconda*, alcançando a Mazzoleni novos triumphos.

Ester Mazzoleni que hoje na scena lyrica occupa um logar de destaque, pertence a uma familia distincta de Italia, contando no gremio dos



ESTER MAZZOLENI

seus antepassados artistas distinctos como foi foi seu tio Francisco Mazzoleni, um tenor celebre.

Ester Mazzoleni que agora veio corôar a sua brilhante carreira pisando o palco do nosso S. Carlos, tem corrido os maiores theatros de Italia, como os principaes theatros da America. Foi a cantora escolhida para ir cantar na *Grande Opera* de Paris, a *Vestale* em beneficio das victimas da Calabria e Sicilia.

Mazzoleni além da sua linda voz e magnifica escola de canto, possui um enorme talento de actriz, como raras vezes temos visto. A sua escriptura para o nosso theatro tem sido um verdadeiro acontecimento; a opera *Gioconda* alcança sempre novos applausos, sendo Mazzoleni chamada com entusiasmo.

Esta distincta cantora ainda cantará a *Tosca* e talvez a *Norma*, um dos seus maiores triumphos artisticos.

No proximo numero fallaremos provavelmente da *Favorita*, e *Tosca*.

ALFÉDIO PINTO (SACAVEM).



NECROLOGIA

Dr. Azevedo d'Albuquerque

Faleceu na cidade do Porto, no dia 21 do mez findo, o dr. Joaquim de Azevedo e Silva Albuquerque, lente jubilado da Academia Politecnica daquela cidade, matematico de nomeada, que foi um grande professor e um grande democrata, pronto sempre a defender o seu ideal, como por muitas vezes o fez nas assembleias ou na praça publica, junto do povo, que o aclamava.

Era um espirito avançado, um grande caracter que se impunha, tanto pelos seus actos como pe-



DR. AZEVEDO DE ALBUQUERQUE

los cabelos brancos que de ha muito lhe alvejavam na fronte respeitosa e respeitada.

O dr. Azevedo d'Albuquerque foi nomeado lente da primeira cadeira da Academia Politecnica, por decreto de 7 de setembro de 1876, e desde então até jubilar-se, ha poucos annos, ele ensinou a sua ciencia a muitos discipulos, que chegou a ver ocupar altas posições sociaes, e como ele sentarem-se nas catédras do magisterio superior.

Deixou varias obras didaticas, entre ellas *Curso completo de mathematicas elementares*; *Tratado das determinantes*; *Lições de mecanica*; *Teoria dos mecanismos de Reuleux*, etc.

O dr. Azevedo de Albuquerque faleceu com cerca de 80 anos.



Jardim de Lisboa

A nossa capital vae em cada dia afirmando o seu progresso, muito principalmente em estabelecimentos, tão modernos como luxuosos.

Neste numero conta hoje mais um estabelecimento importante, o JARDIM DE LISBOA, cujo nome não podia ser mais apropriado, pois de facto o visitar esta casa, é o mesmo que estar num jardim das mais mimosas e exoticas flores e plantas do nosso país e muito particularmente de outros países, encontrando-se ali as plantas e flores mais raras a par de sementes de varias especies e dos melhores frutos se possam desejar.

Foi em fins de dezembro que o sr. J. Peixinho, bem conhecido e antigo florista da rua do Carmo, inaugurou o JARDIM DE LISBOA, na rua Garrett, 68, um esplendido estabelecimento de completa novidade e mais um atractivo da nossa capital.



PELOS TEATROS

República

Deixemos aos moralistas puritanos que manifestem a sua incompatibilidade com a Arte.

A Bossuet, que no seu furôr cristão se absteinha da música por saber *as funestas impressões* que ella pôde produzir nos espiritos.

A alguns implacaveis portuguezes que condemnem Loie Fuller por se servir de crianças para as suas dansas clássicas, o que reputam uma exploração torpe.

A religião cristã combatendo primitivamente o teatro teve, contudo, de se submeter apezar dos esforços dos seus enérgicos defensores.

E a moral que temos de usar não é a moral religiosa, nem a moral philosophica mas sim aquella que estabelece um termo médio na moral doutrinária.

O mal existe em toda a parte. As sociedades estão corrompidas até ao extremo.

Campeia o vício e isto presupõe civilização. Pfor que isso a hipocrisia.

O teatro é reprodução da vida com todas as suas lutas e as suas paixões.

Elas têm de ser descritas vigorosa e nitidamente para nos interessarem.

A observação de costumes e de factos característicos de uma sociedade muito pôde aproveitar no ponto de vista moral para aquelles que tenham uma alma recta e uma intelligencia cultivada com princípios sãos. Para os corruptos e viciosos isso pouco importa.

Impossivel é em meia duzia de linhas tratar de um assunto tão complexo como este e nem eu pretendo fazê-lo.

Veiu isto ao caso por ter de me referir á peça que acaba de se representar no República, com o título de *A melhor das mulheres*.

A peça de Billaud e Hanequin, traduzida por Carlos Trilho, é essencialmente boa.

E' uma critica mordaz de certas pessoas que encobrem os seus vícios com a capa da Caridade.

O amôr que nos nossos dias é quasi puramente fisiológico só com essas tendências pôde ser apresentado em teatro, arriscando-se a ser tratado como anomalia se pretender entrar no dominio do sentimento.

Desde que se exclua este e o ideal se transforme em capricho ou desejo passageiro, tudo é permitido.

A decadência da crença religiosa, a intensidade de vida nos grandes centros, as ideias modernas produziram este espirito geral de licenciocidade.

Não nos podemos admirar pois do character immoral desta peça visto que ella reproduz um caso que é vulgarissimo.

A melhor das mulheres é uma senhora em extremo caritativa e esmoler, um modêlo de virtude, segundo a voz geral.

O que ella pensa verdadeiramente da Caridade, da maneira como se deve exercer, não no-lo dizem os brilhantes escriptores. Sabemos que ella teve um amante que casou e que agora vive muito feliz. Tem depois um outro que se vem a apaixonar por uma rapariga das relações dela e ei-los separados sem grande custo, com uma frieza espantosa em que apenas a vaidade da mulher sofre.

Ella deixa de exercer a Caridade quando o marido cançado da vida estroina se resolve a cooperar nas suas obras de beneficência.

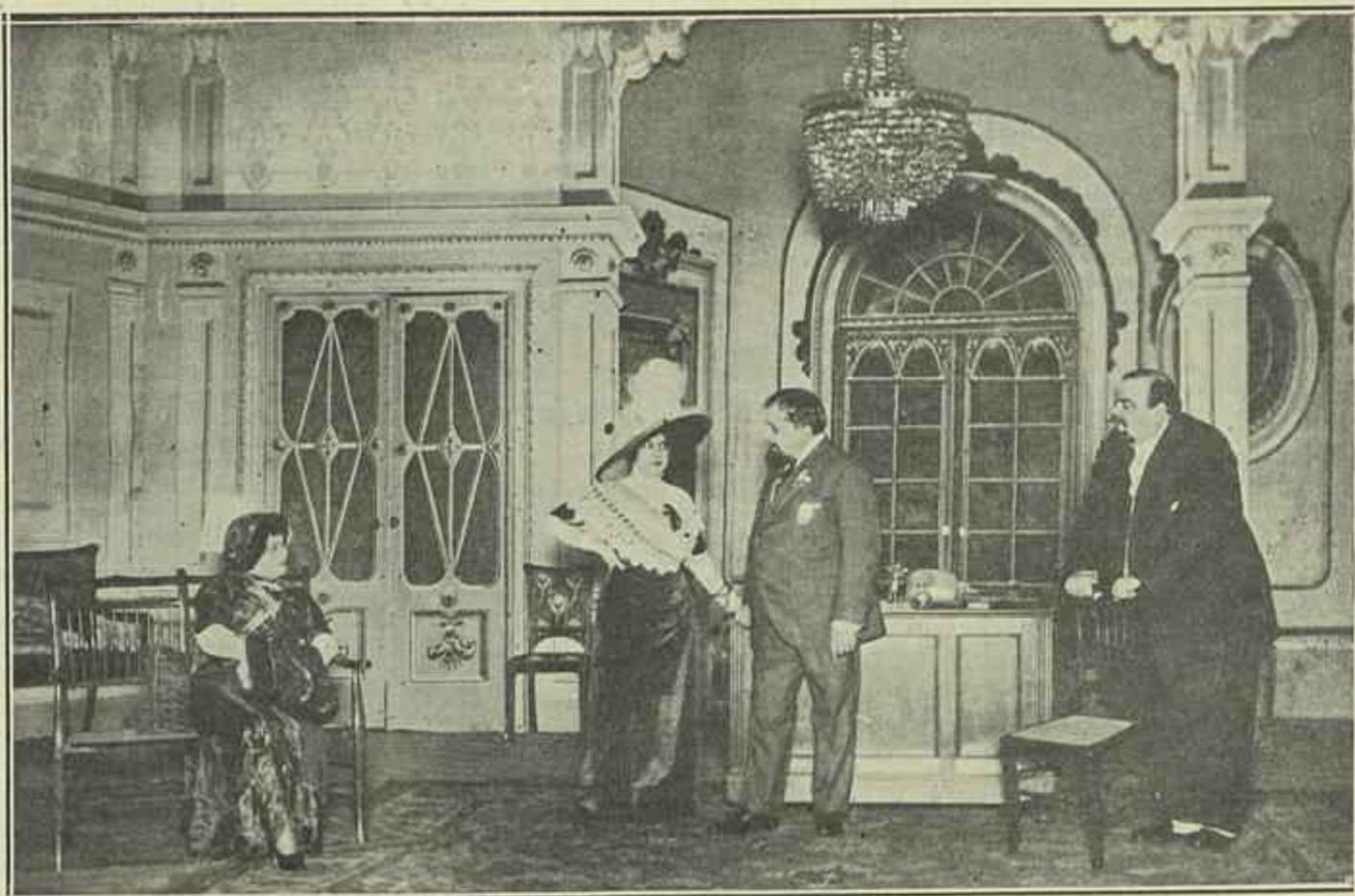
Deve ter sido este o motivo porque ella deixou de pensar no infortúnio alheio e não o caso do mendigo-gatuno que pensou proteger.

Ocupado o marido com esse trabalho ella terá assim toda a liberdade.

A admiravel estrutura da peça e os seus ditos espirituosos deixaram-nos uma impressão excelente.

As suas scenas são verdadeiras, reais, quotidianas.

E' bem teatro moderno e não sendo deliquescente tambem não se recomenda pelo alevantado da ideia.



THEATRO REPUBLICA — «A MELHOR DAS MULHERES» — 3.º ACTO
(Cliché Alberto Lima)

E' simplesmente uma fotografia do natural.
E quizeramos sempre que isso fôsse reproduzido com a mesma fidelidade e tratado com a mesma ironia concludente.
O desempenho excelente da parte de Emilia de Oliveira, Aura Abranches, Jesuina, Augusto Rosa e Chaby, que tinham os principais papeis.

Coliseu

Depois de nos ter apresentado as operetas de maior successo d'estes últimos tempos, francêsas e alemãs, a Companhia Citta di Firense que ha

bastante tempo se encontra no Coliseu a contento do público que all assiste, por um preço diminuto, a espectáculos na rialidade muito bons, fez agora subir à scena uma opereta genuinamente italiana, intitulada os *Granadeiros de Napoleão*, de Vincenzo Valente.

O seu entrêcho é interessantissimo e toda a peça é cheia de ditos picarescos e graciosos que provocam naturalmente o riso em todos os espectadores.

A música é lindissima, muito leve e delicada, sendo alguns dos seus números verdadeiramente primorosos como a valsa do 2.º acto.

E é bem música italiana que nos veio aliviar

do cançado tema das operetas viennenses. O desempenho andou a par do valor da peça e foi o mais correcto possivel da parte de todos os artistas que nela entram que são: Lina Sartori, Bianca Bagnoli, Alda Bubino, Dante Forconi, Pecori, Bagnoli e Pietro di Ponti.

Especialisaremos o trabalho de Lina Sartori que é, sem d'úvida, uma bela actriz que nós já admiramos na *Princeza dos Dollars* e na *Patifa da Primavera*.

Deu ao seu papel um brilho excepcional que contribuiu para que assistissemos a um espectáculo magnifico.

A. N.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1912

Está publicado e recabem-se encomendas, na Empresa do "Occidente" Largo do Poço Novo — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Na capas para todos os annos,
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200